

Gonçalves, S.¹; Pinto, C.F.²;
Oliveira, S.M.³; Rocha, A.D.⁴

52 - Osteopatia crânio-mandibular. Relato de caso

1- Médica Veterinária do Setor de Clínica Médica do Hospital Veterinário da Universidade Santo Amaro e pós-graduanda do Setor de Cirurgia da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP

2- Médica Veterinária Residente do Setor de Clínica Médica do Hospital Veterinário da Universidade Santo Amaro, São Paulo-SP

3- Professora Assistente da Disciplina de Diagnóstico por Imagem a Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Santo Amaro, São Paulo-SP

4- Médica Veterinária Residente do Setor de Diagnóstico por Imagem do Hospital Veterinário da Universidade Santo Amaro, São Paulo-SP

A osteopatia crânio mandibular, também denominada osteopatia temporomandibular ou periostite mandibular, é um distúrbio não neoplásico caracterizado por proliferação óssea que afeta quase que, exclusivamente, os ossos do crânio e mandíbula, principalmente bulas timpânicas e ossos frontal, parietal e maxilar podendo ocasionar anquilose da articulação temporomandibular. As raças predispostas são West Highland White Terrier, Scottish e Cain Terrier com provável etiologia genética. Os principais sinais e sintomas clínicos são dificuldade de apreensão dos alimentos, edema mandibular, dor e febre demonstrados entre 3 e 8 meses de idade. Relata-se a ocorrência de 3 cães, 2 fêmeas e 1 macho, de uma mesma ninhada, 2 meses de idade, da raça Scottish Terrier, que apresentavam dor e dificuldade na apreensão de alimentos. Ao exame físico, os cães demonstravam relutância à manipulação da mandíbula e má oclusão dentária. O exame radiográfico revelou espessamento ósseo dos ramos mandibulares, ossos frontais, parietais, occipital e bulas timpânicas compatíveis com osteopatia crânio mandibular. Convém referir a presença de um filhote macho saudável, pertencente à mesma ninhada, dentro dos padrões de normalidade clínica e radiográfica auxiliando na determinação do diagnóstico de forma comparativa. O tratamento preconizado em literatura é baseado na utilização de antiinflamatórios não esteroidais, e em casos mais severos, corticóides para alívio dos sintomas. Enfatiza-se a importância da documentação deste caso por ser uma enfermidade de provável caráter genético em raças emergentes na clínica de pequenos animais.

53 - Caracterização clínica dos cães diabéticos atendidos no Hovet Unisa

Cury, C.M.¹; Jericó, M.M.²

1- Aluno de iniciação científica do Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Santo Amaro, São Paulo-SP

2- Professor da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Santo Amaro, Universidade Bandeirantes e Anhembi-Morumbi, São Paulo-SP

A diabetes mellitus, doença endócrina freqüente na espécie canina, caracteriza-se pelo comprometimento da função das células b das ilhotas de Langerhans do pâncreas, levando a uma perda progressiva e, eventualmente, completa da secreção de insulina. Objetivou-se a avaliação dos aspectos clínicos de cães diabéticos, ainda não submetidos à insulino terapia, identificados a partir de valores de glicemia (>180mg/dl) e da presença de glicosúria. No período de janeiro de 2002 a abril de 2003, foram atendidos no Hovet-Unisa 22 cães, sendo 18 fêmeas (81.8%) e quatro machos (18.2%), dentre eles, nove cães sem raça definida (40.9%), sete poodles (31.8%), um pinscher (4.54%), um pastor alemão (4.54%), um rottweiler (4.54%), um fila brasileiro (4.54%), um coker spaniel (4.54%) e um fox paulistinha (4.54%). A variação de idade foi de 6 a 13 anos. Esses animais foram avaliados no que tange às alterações de anamnese, exame físico, hemograma, urinálise (realizada por cistocentese em 18 dos cães selecionados) e painel bioquímico. Na anamnese dos 22 cães atendidos, 21 apresentaram emagrecimento (95.4%), 20 cães demonstraram polidipsia e poliúria (90.9%), onze tinham polifagia (50%), três cães exibiram hiporexia e emese (13.6%), dois tinham